

***El arrabal del mundo:***  
**a ficção do processo argentino de independência por Pedro**  
**Orgambide**

Fernanda Palo Prado<sup>1</sup>  
Mestranda do PPGHS da FFLCH/USP  
ppradofe@usp.br

Pedro Orgambide (1929/2003), escritor argentino profícuo, foi exilado no período da última ditadura militar argentina (1976-1983) e, por isso, viveu nove anos no México. Durante esse tempo, entre outras obras, escreveu uma trilogia intitulada *de la memoria*: um conjunto de romances em que ficcionalizou suas experiências, propondo uma versão da história e da memória coletiva argentina, por meio de uma narrativa num espaço e num tempo reconhecíveis. A proposta deste trabalho é analisar as representações do primeiro romance, *El arrabal del mundo* (1983), que trata do processo de independência a partir das relações entre ficção e história (I) por meio dos personagens don Mariano e Cornelius e (II) por meio dos momentos históricos descritos: a invasão dos ingleses, o processo de defesa e reconquista de Buenos Aires e a data comemorativa do 25 de maio.

**(I)**

A mescla de eventos históricos consagrados no enredo ficcional e a inserção de personagens “reais” colaboram para borrar a fronteira entre História e ficção; entretanto, por se tratar de um romance, *El arrabal del Mundo* de Orgambide é resultado de uma construção livre, cuja imaginação e criatividade lhes são caras. No hall dos personagens próceres da nação, está presente, no romance, don Mariano Morante, uma representação identificável de Mariano Moreno, que integrou o grupo de intelectuais do movimento de maio de 1810 e a Primeira Junta de Governo. Ao seu lado e estabelecendo uma contraposição, um binômio de ideais, está Cornelius, a representação de Cornelio de Saavedra, que foi presidente dessa primeira Junta.

Jacobino-liberal, Mariano Moreno (“real”) deu preferência em sua formação a autores franceses do XVIII, como Rousseau e Montesquieu. Foi um defensor do livre comércio em oposição ao mercantilismo espanhol e viveu o período das invasões

inglesas, sendo, inclusive, autor de uma das primeiras crônicas sobre este momento, em que ressaltava a grandeza comercial de Buenos Aires. Nesses escritos, ele

(...) reveló el alma de la ciudad, que si estaba poseída por la fiebre de los negocios, se encendía en el culto del valor por la defensa nacional (...) Poniendo fe en el pueblo decía que (...) 'El pueblo no necesitaba sino dirección para haber hecho grandes cosas', proclamó entonces Moreno.<sup>2</sup>

Ávido pela luta política e pela articulação junto aos jovens, o don Mariano do romance, “*treintañero*” e irmão de Manuel – dados que correspondem à figura histórica de Mariano Moreno –, é descrito com um rosto pálido,

suave y lampiño, con las mejillas enmarcadas en la sombra de las grandes patillas y por los muchos días de fiebre y de política que afinaban los rasgos, que condenaban a su rostro a la preocupación, las tenaces arrugas.<sup>3</sup>

Ele tinha suas convicções sobre a independência dos povos da América hispânica e se comunicava com um grupo de intelectuais por meio de cartas. Em algumas delas, a principal discussão era acerca do próprio momento pelo qual estavam passando, o conturbado período que envolve o 25 de maio de 1810. Essa elaboração escrita representa um processo de conscientização do sentimento de nação, da busca pela independência, evidenciando a necessidade de formação de uma identidade nacional; e a ideia da construção de um sentido de grupo para essa pátria mostra que não se trata de algo naturalizado. Dessa forma, percebemos as seguintes passagens de questionamento no romance, por meio da correspondência de don Mariano:

(...) ¿es la misma patria la del banquero y el soldado?... ¿la del ocioso cortesano y las poblaciones hambrientas? ... ¿la del rey y los artesanos comuneros?

(...) durante un largo tiempo la Península ejerció un dominio casi absoluto en estos reinos y, con abuso de fuerza y poder, arrancó lo que pudo para su provecho. (...) Herederos de los amos y de los esclavos, nosotros, los que nos decimos criollos y americanos, debemos entender esto sin mayores énfasis ni ofuscaciones. Hoy, los mezquinos amanuenses de la Inglaterra y España están en lucha. (...) ¿Quiénes estamos de este lado del mar? Esclavos, artesanos, dependientes, ganaderos, propietarios, comerciantes, indios, gauchos y negros. ¿Somos de la misma cosa? Desde luego que no. Al menos, no hemos creado una conciencia unitaria (lo que significaría la idea de nación) que concilie nuestras propias luchas e intereses. Cuando lo hagamos seremos libres, no antes. (...) ¿Qué puede darnos la Península? Servidumbre, corporaciones de oficio y, perdone usted, los paliativos de la religión. ¿Qué nos ofrece la Inglaterra? Comercio... a cambio de transformarnos en una de sus muchas colonias, semejantes a las del Asia o

el África. Estamos, como suele decirse, entre dos fuegos. ¿Quiere usted tomar las armas por una o por otra? Yo digo: negociemos con ambas y preparemos nuestra propia fuerza.<sup>4</sup>

Don Mariano vai mostrando, por meio dessas cartas, desses questionamentos e reflexões, a partir de uma linguagem política, o processo de percepção das potencialidades de um sentido nacional. Os trechos deixam claro também que se tratava de um personagem que usava muito a pena para lutar a favor de suas convicções políticas (como o fazia Mariano Moreno com seus escritos). Além disso, principalmente no primeiro trecho, pode-se perceber o posicionamento do autor, Pedro Orgambide, que, do exílio, reflete sobre o (seu) pertencimento a uma (sua) pátria e se questiona sobre as estruturas sociais sobre as quais essa pátria se desenvolveu.

A esse respeito, a pesquisadora argentina Sabrina Zehnder, uma das poucas pesquisadoras que trabalha com a trilogia de romances de Pedro Orgambide, corrobora essa análise, afirmando que o discurso e os questionamentos propostos por esse narrador, uma das vozes do texto,

(...) se caracterizan por un lenguaje politizado, la creencia y defensa de mitos y ideales sociales, por la militancia, la actividad y el compromiso en los partidos políticos o en las agrupaciones sociales. Las preocupaciones del narrador, formuladas por medio a preguntas, reactualiza el conflicto con respecto a la desigualdad social y a la vigencia de grupos de poder y grupos desposeídos.<sup>5</sup>

As semelhanças entre os personagens vão além das aparências. A morte no mar, como foi a do personagem histórico Mariano Moreno, é representada no romance em dois momentos, o primeiro encenado e o segundo sendo a própria morte do personagem. A primeira, na peça teatral encenada na rua – no teatro espontâneo da política, em que “se establecían pactos, acuerdos, componedas”<sup>6</sup> – que ritualizava o 25 de maio e representava a participação popular nesse acontecimento que Orgambide intencionalmente parodia. Don Mariano vê sua morte encenada e assente; sabe que ela virá, mais cedo ou mais tarde:

El más atroz, quizá, fue él ver sus propias muertes; asistir, como testigos lúcidos y jóvenes, a los padecimientos y achaques de la vejez y en ocasiones a la muerte violenta. Sólo don Mariano permaneció impassible, presintiendo, al revés de los otros, una muerte próxima y por eso increíble: no vio su rostro sino la cresta luminosa de una ola en el océano (...).<sup>7</sup>

Da morte encenada à morte “real”, tal como foi com a figura histórica; esta também está escrita no romance: a caminho da Inglaterra numa missão diplomática, num exílio por conta dos desacordos políticos. Na saída de Buenos Aires, don Mariano reflete sobre a cidade cinza à beira daquele mar também cinza, sobre o exílio...

Sua morte é descrita a partir de um diálogo entre dois marinheiros que observam o passageiro, e notam nele uma “*persona importante*”<sup>8</sup>, que estava convalescendo e termina com reticências. A sequência é a chegada da notícia de sua morte no navio, num dia chuvoso:

“Se necesitaba tanta agua para apagar tanto fuego”, comentó Cornelius. Exaltados, algunos jacobinos (...) hicieron correr el rumor de que don Mariano había sido asesinado. En los cafés de la Plaza Mayor, en las salas del Cabildo y el Fuerte, creció el rumor y el malestar. Se decía que French intentaba armar milicias populares y Fabián, con cartas secretas del ex secretario de la Junta, abandonaba la ciudad para sumarse a la montonera de El Tigre.<sup>9</sup>

A notícia da morte de don Mariano desencadeia uma série de reações daquele que realizou um *tour de force* em prol do liberalismo e que inculcou esses ideais em jovens burgueses da cidade de Buenos Aires. Por isso, vemos no excerto acima que Fabián, um jovem que vendeu as terras do pai na província no momento de sua orfandade para terminar sua formação nos círculos de don Mariano, municia-se de cartas secretas, portanto, políticas, de seu mentor e parte para a prática revolucionária, juntando-se à *montonera* do *gaucho El Tigre*. Os dois, don Mariano e Fabián, portanto, são os representantes dos liberais que tiveram um papel importante no processo de formação da nação, sendo, o primeiro, pertencente ao grupo que fez parte da historiografia liberal oficial e, o segundo, um daqueles anônimos que participaram da luta pela independência e que, por meio do texto de Orgambide, agora também têm voz para contar sua versão da história, uma preocupação do autor em trabalhar, em seu romance, com múltiplas vozes, favorecendo a presença da voz popular no processo de contar sua versão da história do processo de independência da Argentina.

Do outro lado, no extremo oposto desse binômio – don Mariano e Cornelius e, mesmo, Mariano Moreno e Cornelio de Saavedra –, dessa disputa liberal e conservadora pela ideia de pátria, temos a apresentação de outra figura, agora um militar:

(...) Magro de carnes, con el pelo blanco, aficionado a la lectura de los poetas latinos (...). Mi destino, lo sé, pudo ser otro. Hijo de españoles, nacido en

estas tierras, pude elegir, como tantos, el lucrativo oficio del comercio o demorar mis ocios en la Universidad. No me permití esos lujos. Preferí, en cambio, la vida militar; mi vida. Ella está en mí como Cristo en la hostia. Una suerte de comunión, de feliz correspondencia que agradezco cada día. He sido fiel, lo sé. Me miro en el rostro de la obediencia. El espejo me devuelve la imagen de un hombre maduro, de alta frente y mirada severa. Ese soy yo: Cornelius.<sup>10</sup>

Tanto nesta como em outras passagens do romance, Cornelius está pensando enquanto olha o espelho, vendo seu semblante refletido e, a partir dele, analisa a situação em que se encontra. Com essas descrições, com suas escolhas e preferências, o leitor de Orgambide vai construindo seu perfil, com os hiatos, vacilos, frustrações e possibilidades comentadas. Por meio do uso de palavras, fica expressa a preferência desse personagem pelos poetas latinos (da antiguidade clássica) através de seu nome – a versão do latim Cornelio. Simpatizante da monarquia, da disciplina, ele é a representação do personagem histórico Cornelio de Saavedra, presidente da Primeira Junta de Governo, que “tentou dar igualdade de representação aos provinciais”<sup>11</sup>, mas um de seus grandes problemas foi o fato de estar à frente de um grupo bastante heterogêneo, composto por representantes conservadores do poderio espanhol, da Igreja Católica, por liberais e por integrantes de setores populares. Trata-se, pois, de um personagem de mais idade, “con el pelo blanco”, menos enérgico do que don Mariano e que é retratado por Edberto Acevedo como: “el hombre prudente, el militar parco en palabras y falto de estilo al escribir, el ciudadano mesurado y sin brillo, cuya figura (...) simboliza para la revolución en marcha el paso lento pero seguro”<sup>12</sup>.

Essa heterogeneidade da Primeira Junta é representada no romance de Orgambide:

“- ¡Por mis amigos! – brindó Cornelius. Ellos levantaron sus copas, juramentados en la amistad y en el propósito de poner freno a los excesos de la revolución, se irguieron muy digno frente al único hombre que podía encauzar la política del Río de la Plata, de las provincias que juraron **lealtad a Fernando VII** y que ahora estaban al borde de la anarquía, del caos, “pero confiamos en usted, don Cornelius, confiamos en su buen juicio, en que tome las riendas”-. ¡Por mis amigos! – brindó Cornelius y agradeció así la confianza de esos caballeros, **hombres industriales, prelados, comerciantes, tribunales** que se reunían para homenajearlo, pedirle, suplicarle que tomara las riendas, para que **domara el potro de la plebe, déle, déle coronel, para que se impusiera, carajo, a don Mariano, déle, déle** (...). Será la borrachera, será el tiempo que confunde sus naipes, sus espejos, será el gusto del vino o de la gloria, ¿quién lo sabe? (...) **los rostros sonrientes, abogados, máscaras**, será todo eso, piensa, porque de pronto, **los amigos, hombres serios**, caramba, **los muchachos bromistas y jodidos y necios del arrabal del mundo, los que se reúnen en los cafés y en las boticas**

**para despotricar contra la plebe, señores conservadores y matones, ellos, de cuarenta años arriba, buena posición,** caramba, saludan con los brazos en alto. (...) ¡Por mis amigos! – brinda Cornelius y alguien se levanta y coloca una corona de laureles en las sienes del coronel que mira su propia imagen en los misteriosos y falsos espejos de la Historia, del tiempo que confunde sus naipes.<sup>13</sup>

Cornelius, conciliador, vê-se na História num momento de encruzilhada; no brinde após a formação da Primeira Junta, pensa nas disputas com don Mariano, para ele “un abogado sin escrúpulos, un cagatinta, un jacobino disfrazado de persona honorable. Infiel”<sup>14</sup> que não conseguiu brindar nesse “famoso ato” narrado no romance porque viu “una excesiva manifestación del poder creciente de los conservadores sobre los liberales de la Junta.”<sup>15</sup> Mais uma vez, temos na representação desse momento, a chave para a formação da nação argentina, um grupo heterogêneo, contraditório, o que torna mais complexo esse processo de construção dessa unidade nacional. Essas disputas darão ensejo às lutas intestinas posteriores ao 25 de maio de 1810.

## (II)

Por meio das representações dos marcos históricos, *El arrabal del mundo* contém traços de uma mimetização evidente, o mundo argentino em formação é o tema dessa obra; no entanto, este não designa *ipsis literis* o passado histórico argentino, fazendo uma referência, uma remitência. Essa relação entre o “real” e o “imaginado” está presente no enredo de seu romance, ou seja, estão envolvidas as tramas da história e da ficção no tempo narrado: os momentos que precederam à invasão dos ingleses a então capital do Vice-Reinado do Rio da Prata.

Na noite da terça-feira, dia 24 de junho de 1806, foram vistos cinco grandes barcos nas aproximações da enseada. Com as luzes da manhã da quarta-feira, dia 25, eles aparecem alinhados em frente à cidade e, deles, um grupo com cerca de 1600 soldados ingleses tomou, em algumas horas, a então pacata capital do Vice Reinado do Rio da Prata, Buenos Aires.<sup>16</sup> Rapidamente, os ingleses dispersaram as tropas locais que já se encontravam espalhadas, uma vez que as mais preparadas estavam na Banda Oriental. Esse excerto abaixo do romance de Orgambide se refere a essa invasão à cidade, narrado a partir do ponto de vista dos ingleses:

Yo, Stephen Morris, cuento lo que ocurrió ese día: las naves de nuestra Majestad anclaran cerca de la costa, sin que ningún nativo diera señal de alarma y pudiera avisar las autoridades de nuestra presencia. (...) Sin



posiciones fortificadas a la vista (detalle que habían confirmado nuestros agentes) el desembarco se realizó en perfecto orden. Ya en tierra, nuestros batallones se alinearon, de acuerdo con el plan previsto (...). Debo informar, no comentar los hechos. Y, sin embargo, **¿cómo impedir la emoción frente a ese cielo límpido y las banderas de los regimientos y el sonido de las trompetas y el paso redoblado de la tropa sobre la gramínea? La gente de las chozas** (ellos llaman “ranchos” a sus precarias viviendas de paja y bajo cocido) **paralizada por el miedo, nos veía avanzar, imponente ante las fuerzas de la Gran Bretaña** (...). Ineptos para el arte de la guerra, los pobladores del Puerto de Buenos Aires, fueron incapaces de organizar su resistencia.<sup>17</sup>

Além de retratar um fato histórico, o personagem-narrador desta parte se questiona sobre o ofício de narrar: como fazê-lo diante da objetividade e imparcialidade? Não seria essa outra forma de pensar a História, remetendo aos seus limites de um discurso objetivo e imparcial? Com essa discussão, aproximam-se os universos da ficção e da História pelo fato de que ambos se realizam narrativamente, diferenciando-se na maneira com que se relacionam com o mundo, na forma como se (des)equilibram, concordando, então, com as afirmações de Luiz Costa Lima:

O intento do historiador é designar o mundo que estuda. (...) Designá-lo no caso significa: organizar os restos do passado, tal como presentes ou inferidos de documentos, em um todo cujo sentido centralmente não é da ordem do imaginário. A interpretação do historiador, sua forçosa interpretação, será arbitrária se, por conta de seus valores, fundá-lo à imagem doutro tempo e fundi-lo às expectativas e categorias deste. O intento do ficcionista é criar uma representação desestabilizadora do mundo.<sup>18</sup>

Ou seja, está aí uma das diferenças cruciais: a centralidade, para a história, de um aparato documental, de uma combinação entre “argumentação conceitual e teste factual”<sup>19</sup>. Mesmo sendo uma narração, como o afirmou Paul Veyne<sup>20</sup>, ela se interessa pela “verdade” – sendo esta parcial e responsável pela determinação, designação, de um acontecimento no tempo e no espaço. Enquanto no romance – e isso está expresso e apontado aqui nos excertos de Orgambide –, há uma desestabilização do mundo, essa trama de *El arrabal del mundo* propõe a participação popular no processo de independência argentino, a parodização desse mesmo momento e também a reflexão da História a partir do distanciamento, do exílio.

Voltando ao romance, se a tomada da cidade foi surpresa, foi igualmente rápido o surgimento de planos de “defesa” e “reconquista”. E, em seguida, esse mesmo personagem narrará a retomada da cidade:

“Locos. Fanáticos.” Stephen Morris, desde el Fuerte, impreca a los sublevados de esa ciudad maldita (...). Por las calles del Bajo, la soldadesca de Liniers avanza entre el trepidar de la fusilería y el cañonazo que hace

temblar los muros y desmorona la torre de los Álzaga. Por el sur, la gente del Tigre (gauchos amotinados, bandidos – informa Stephen a su superior) entre de a caballo y a pie, se abalanza sobre los regulares, se trepa a los techos, dispara sus trabucos y sus piedras. (...) Por el oeste, el coronel Cornelius, con sus morenos y los oficiales Patricios ataca al batallón de Patcher y carga con bayoneta calada sobre los infantes de Inglaterra.<sup>21</sup>

É, evidentemente, que Orgambide trata de inserir, mesmo que por meio da personagem estrangeira, invasora, a multiplicidade e a heterogeneidade daquele grupo que foi se juntando para a expulsão dos ingleses e num primeiro movimento de percepção das potencialidades de uma pátria. As motivações daqueles participantes foram as mais diversas e conflitantes: havia o grupo leal a Fernando VII; existiam os grupos que visavam à independência, sem uma definição muito clara de que rumo essas ações iriam tomar – monarquistas, republicanos, liberais; e havia o grupo dos escravos ou marginalizados que via nessa participação o ingresso na sociedade.

O processo de formação e estabilização do estado nacional argentino foi longo e conturbado, com uma intensa disputa de vertentes para a construção de um passado original, sensível e uno e para a consolidação da nação, que se deu somente na segunda metade do XIX. Uma data que se tornou um marco da independência foi a do 25 de maio quando, já sabendo da presença dos franceses na Espanha, o vice-rei Baltasar de Cisneros (1809-1810) foi destituído e celebrado um cabildo aberto alguns dias antes (22 de maio), que nomeou uma Junta autônoma, um primeiro órgão de governo independente, composto pelas diversas tendências portenhas, ou seja, tratava-se de um grupo sem uma coesão doutrinária. As principais tarefas dessa Junta foram: “1. Organizar um exército para repelir os espanhóis favoráveis a Napoleão (...); 2. formar um congresso com representantes das diferentes províncias para governar o vice-reinado até que a ordem pudesse ser restaurada”<sup>22</sup>. Fato esse que não aconteceu tão logo. Seguiu-se um momento intenso de disputas. Durante os dez anos subsequentes houve “três juntas (1810-1811), dois triunviratos (1811-1814) e seis diretores supremos (1814-1820), dos quais o de maior permanência no governo foi Juan Martín de Pueyrredón (1816-1819)”<sup>23</sup>. Esse primeiro movimento, marco da independência, foi local e, vale ressaltar, seguido de muitos conflitos. Houve, por isso, a necessidade de criação de “ficções-diretrizes”, mitos de identidade e identificação nacionais para suprimir essa desarticulação. Essa data fundacional está representada no romance:



Ya no se supo si lo que ocurría en el teatro era la reproducción más o menos infiel de lo que acontecía en la calle o, por el contrario, si la realidad de aquellos días, por un exceso de tensión, se transformaba en teatro. Por eso es tan vaga y tan precisa a la vez la historia de ese mayo lluvioso en Buenos Aires, que todos los argentinos conocen a la perfección a través de las láminas de la revista *Billiken* (...).<sup>24</sup>

Nessa primeira representação do 25 de maio já é possível perceber certa ironia de Orgambide ao abordar esse momento; pode ser uma proposta de transgredir e mesmo questionar o marco, a história e o discurso “oficiais”, tendo em mente que essa obra, embora lançada na Argentina no ano da volta da democracia, foi escrita no período de exílio do escritor. Há, nesse trecho, uma dessacralização dessa memória oficial, uma problematização em relação ao processo de construção da historiografia, principalmente propondo que o legado deste dia ficou gravado, com perfeição, nas páginas da revista *Billiken*, uma publicação infantil que perdura há 85 anos ininterruptos, teve seu primeiro número nas bancas em 17 de novembro de 1919 e influenciou o imaginário social, principalmente das classes médias.<sup>25</sup>

Outro excerto do 25 de maio no romance:

Bajo su paraguas de seda, Ubaldino, sordo a los excesos, caminaba eludiendo los charcos. Se sentía abrumado por los últimos acontecimientos: la destitución del virrey, la convivencia de liberales y conservadores en la Primera Junta de gobierno, pero, sobre todo, por esa **desbordante fiesta de la chusma, ese jolgorio de negros y de gauchos**. (...) Verduleras, vendedoras de pasteles, mendigos, aguateros, formaban sus corrillos en las esquinas de la Plaza Mayor y en los cafés y en las tiendas a los que una semana antes no se hubieran atrevido a entrar. “Lo único que falta es que entren al Cabildo y se pongan a gobernar por su cuenta”, pensó con rencor. Distráido, metió sus zapatos en el agua barrosa. Sintió el percance como humillación. A la vista de todos, se descalzó y arrojó el agua sucia en la zanja que bordeaba la calle.<sup>26</sup>

Ubaldino, apesar de sua distinção cultural, do zelo com as roupas, é negro e representa a inversão social do negro-patrão. Somada a essa imagem caricata da sociedade, é jocosa e risível a inserção da população nessa “festa” fundacional da nação. Ambas as passagens afrontam com o que se tem do marco da independência a partir dos documentos consagrados que, como o afirmou Zehnder,

las imágenes del Cabildo [em *El arrabal del mundo*], incorporan un ambiente de jolgorio, de situación profana, de fiesta popular, que contrasta con la imagen que nos llega desde los retratos o las pinturas, y por supuesto, desde los documentos históricos.<sup>27</sup>

Além disso, tratar esse marco como festa popular é associá-lo ao peronismo, a um anacronismo de Orgambide, como forma de marcar sua posição política no romance e de inserir a participação popular nessa data fundacional.

Buscamos, com esse trabalho, enfatizar que, para Pedro Orgambide, um dos possíveis encontros entre História e ficção está, primeiramente, em ressaltar um passado de violência que culminou na ditadura dos anos de 1976. Ou seja, a partir do exílio, o autor conjectura sobre a situação de violência em seu país e reflete sobre os caminhos da história nacional que, teleologicamente, culminaram com sua saída do país. Outro encontro entre História e ficção se dá com a utilização de personagens reais que favorecem a mimetização de um tempo passado reconhecível e presente na memória social do leitor (considerando como leitor em potencial o público argentino), dando a Orgambide uma certa credibilidade na sua reconstrução da história-pátria. Com esse romance, Orgambide propõe, cunhado na oralidade e na utilização de personagens populares, uma ficção do processo argentino de independência.

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Cesar Pimentel Pinto Filho. Contato: ppradofe@usp.br

<sup>2</sup> LEVENE, Ricardo. Escrito de Mariano Moreno sobre las invasiones inglesas. In: *La reconquista y defensa de Buenos Aires. 1806-1807*. Instituto de Estudios Históricos sobre la Reconquista y Defensa de Buenos Aires. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1947, p. 33.

<sup>3</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Arrabal del Mundo*. Buenos Aires: Bruguera, 1983, p. 46.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 53 e 44, respectivamente.

<sup>5</sup> ZEHNDER, Sabrina. *Poética espacial de la diáspora y del exilio en la Trilogía de la memoria de Pedro Orgambide*. Paraná: Editorial Fundación la hendija, 2015, p. 52.

<sup>6</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 196. Nessa Passagem, Orgambide faz uma paródia ao jogo político comparando-o às orquestrações de uma peça teatral.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 229-230.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 258. No diálogo, as pessoas notam que se trata de uma figura diferenciada por sua postura e saída apressada da cidade.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 265.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>11</sup> SHUMWAY, Nicolas. *A invenção da Argentina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Editora UnB, 2008, p. 76.

<sup>12</sup> ACEVEDO, Edberto Oscar. *El ciclo histórico de la revolución de mayo*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos de Sevilla, 1957, p. 128.

<sup>13</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 244-245, grifos acrescentados.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 176.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 247.

<sup>16</sup> Cf. MEGLIO, Gabriel Di. 'Desvalidos soberanos': antecedentes e inicio de la participación política plebeya (1806-1811)". In: MEGLIO, Gabriel Di. *¡Viva el bajo pueblo! La plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la Revolución de Mayo y el rosismo*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 78.

<sup>17</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 154-155, grifos acrescentados.

---

<sup>18</sup> LIMA, Luiz Costa. A narrativa na escrita da história e da ficção. In: LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: Estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 102.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>20</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 4ª Ed., 2014, p. 18-23.

<sup>21</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 178.

<sup>22</sup> SHUMWAY, Nicolas. *Op. cit.*, p. 47.

<sup>23</sup> MYERS, Jorge. A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825). In: MADER, Maria Elisa; PAMPLONA, Marco A. (Org.) *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 77.

<sup>24</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 227.

<sup>25</sup> Cf. GOCIOL, Judith. El largo camino de Billiken: la historia de una emblemática publicación infantil. Disponível em: [www.me.gov.ar/monitor/nro10/medios.htm](http://www.me.gov.ar/monitor/nro10/medios.htm) Acesso em: 22 de julho de 2016.

<sup>26</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, p. 242.

<sup>27</sup> ZEHNDER, Sabrina. *Op. cit.*, p. 53.